



CENTRO DE HUMANIDADES

DEPARTAMENTO DE LETRAS E EDUCAÇÃO

FICÇÃO E HISTÓRIA EM A CASA DAS SETE MULHERES

GELSA NUNES DOS SANTOS

GUARABIRA/PB

2012

GELSA NUNES DOS SANTOS

FICÇÃO E HISTÓRIA EM A CASA DAS SETE MULHERES

Artigo apresentado à Coordenação do Curso de Letras da Universidade Estadual de Paraíba, como requisito para a obtenção do título de Licenciada em Letras- Habilitação Português.

Orientadora: Dra. Wanilda Lima Vidal de Lacerda

GUARABIRA/PB

2012

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE
GUARABIRA/UEPB

S237f	Santos, Gelsa Nunes dos
	Ficção e história em A casa das setes mulheres / Gelsa Nunes dos Santos. – Guarabira: UEPB, 2012.
	16f.
	Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) – Universidade Estadual da Paraíba.
	“Orientação Prof. Dr. Wanilda Lima Vidal de Lacerda”.
	1. Personagem 2. Literatura 3. História I. Título.
	22.ed. CDD 808.89

Gelsa Nunes dos Santos

FICÇÃO E HISTÓRIA EM A CASA DAS SETE MULHERES

Banca Examinadora:

Wanilda Lima Vidal de Lacerda

Prof. Dra. Wanilda Lima Vidal de Lacerda CPF: 025671614-34

(Orientadora)

Marilene Carlos do Vale Melo

Prof. Dra. Marilene Carlos do Vale Melo

(Membro) CPF: 070852904-63

José Haroldo Nazaré Queiroga

Prof. Ms. José Haroldo Nazaré Queiroga

(Membro) CPF: 086936684-04

Aprovada em 27/06 2012

GUARABIRA

FICÇÃO E HISTÓRIA EM A CASA DAS SETE MULHERES

RESUMO

A busca de um maior entendimento, no que diz respeito à relação entre a Literatura e a História em *A casa das sete mulheres* (2002) de Leticia Wierzchowski, que retrata a Guerra dos Farrapos (1835-1845) é o objeto deste trabalho. Essa relação tem sido visivelmente objeto de diversos estudos nos últimos anos por parte de pesquisadores de várias áreas. Partindo dessa constatação e através da curiosidade e do encantamento que a literatura nos desperta é que surgiu o interesse de realizar essa análise. Para tanto, utilizamos como suporte teórico as discussões de autores como Sandra JatahyPesavento (1995 e 2006), Durval Muniz De Albuquerque Junior (2007), Paul Ricouer (1997), entre outros. Inicialmente fizemos uma síntese da obra, como também uma breve descrição de informações levantadas sobre a autora da mesma. A partir das discussões acerca da Literatura e da História e da relação existente entre ambas, prosseguimos com a análise da história recontada por uma voz feminina.

Palavras-chave: Literatura. História. Guerra dos Farrapos. A casa das sete mulheres. Personagens

I- INTRODUÇÃO

A relação que se estabelece entre literatura e história tem sido motivo de grandes discussões entre os estudiosos por serem campos que se cruzam constantemente. Ambas têm em comum a necessidade da construção de uma narrativa que inclua a verossimilhança ao mesmo tempo em que partem de um imaginário para criarem diferentes versões de fatos ocorridos. Têm em comum ainda o fato de suas escolhas serem de ordem subjetiva. Quanto ao discurso histórico, possui um maior compromisso com a “verdade”, o que o torna limitado em suas narrativas. Ainda assim, Albuquerque Junior (2007, p. 63), ressalta que mesmo que “a narrativa histórica não possa ter jamais a liberdade de criação de uma narrativa ficcional, ela nunca poderá se distanciar do fato de que é narrativa e, portanto, guarda uma relação de proximidade com o fazer artístico.” Para Pesavento, (1995, p. 117), “a ficção não seria, pois, o avesso do real, mas uma outra forma de captá-la, onde os limites de criação e fantasia são mais amplos do que aqueles permitidos ao historiador”. Desta forma, podemos perceber que o discurso literário mesmo tendo certa preocupação com a verdade, tem uma maior liberdade de criar, de fantasiar, de ficcionalizar sem que isso lhe prejudique.

A literatura não possui uma definição acabada. Segundo Lajolo (1994, p. 25), “Não existe uma resposta correta, porque cada tempo, cada grupo social tem sua resposta, sua definição para literatura.” Um texto escrito no período realista não tem a mesma definição de um escrito no período modernista, pois em ambos há “uma visão ou uma interpretação pessoal das condições sociais, políticas e econômicas de um dado povo em um dado momento de sua história” (VOLOBUEF, 1995, p.15), que foram escritos em épocas totalmente diferentes e pensando num leitor com capacidade e visão própria de cada época.

A Literatura reproduz fatos ligados à História, criando uma proximidade maior entre a narrativa literária e a narrativa histórica. Segundo Ricouer, (1997, p. 329), “a ficção é quase história, tanto quanto a história é quase fictícia” A literatura é o real ficcionalizado, capaz de produzir uma nova versão dos fatos acontecidos. Estabelecer uma relação entre literatura e história é uma forma de trazer a tona assuntos que a sociedade muitas vezes não percebe que realmente aconteceu, ou que foram suprimidos pela “história oficial”. Podemos perceber isso no romance que aqui analisamos *A casa das sete mulheres*, de Letícia Weirzchowski, quando o mesmo traz ao conhecimento do leitor a existência de Manuela, que teve um romance com Garibaldi e por isso ficou conhecida pelos gaúchos como “a noiva de Garibaldi”. Essa é uma versão pouco enfatizada na história, que ao longo dos anos se preocupou muito mais em mostrar o romance vivido por Anita e Garibaldi.

II- A HISTÓRIA E A FICÇÃO

Pensando na liberdade que a literatura possui em contar uma história real com uma dosagem de ficção adicionada em sua narrativa, como a presença de um fantasma, visões que se concretizavam, podemos citar como exemplo presente em *A casa das sete mulheres*, o seguinte diálogo:

- Viu o quê?
- O Pedro. – As lágrimas escorrem pelo seu rosto. – Com uma lança atravessada no meio do corpo.
- [...] – Como ele morreu?
- O homem abaixou o rosto. Era a sua obrigação informar a família. O general Antônio Netto tinha dado ordens expressas.
- Varado por uma lança”. (WIERZCHOWSKI, 2008. p. 418).

Acreditamos que a ficção se apresenta como um dos principais motivos que prende o leitor à obra.

Mesmo tratando de alguns personagens da História, como Bento Gonçalves, Manuela e Garibaldi, Leticia Wierzchowski apresenta e caracteriza vários personagens que seus leitores não saberão ao certo se foram reais ou são representações imaginárias. Nesse sentido, podemos relacionar a seguinte observação feita por Pesavento:

A sintonia fina de uma época, fornecendo uma leitura do presente da escrita, pode ser encontrada em um Balzac ou em um Machado, sem que nos preocupemos com o fato de Capitu, ou do Tio Goriot e de Eugène de Rastignac, terem existido ou não. Existiram enquanto possibilidades, como perfis que retraçam sensibilidades. Foram reais na “verdade do símbolo” que expressam, não no acontecer da vida. São dotados de realidade porque encarnam defeitos e virtudes humanos, porque nos falam do absurdo da existência, das misérias e das conquistas gratificantes da vida. Porque falam das coisas para além da moral e das normas, para além do confessável, por exemplo. (2006, p. 15)

A literatura e a história se complementam, uma vez que dá subsídios uma a outra para que possam reconfigurar um determinado passado a partir de seus próprios pontos de vista e através de linguagens próprias. Segundo Savietto,

é sobretudo pelo uso diferenciado da linguagem histórica e a narrativa ficcional se distingue uma da outra. Enquanto na primeira, a linguagem se reveste de um tratamento mais científico, na segunda, ela adquire um estatuto estético operacionalizando o espaço do desvelamento do ser, tornando-se assim, aletéia. (1995, p. 28)

Ainda nesse sentido, acreditamos que se faz necessário utilizar das palavras de Albuquerque Junior em relação à diferença entre Literatura e História que o mesmo faz pensando na visão da cultura ocidental moderna:

[...] o discurso historiográfico pertenceria ao que na cultura ocidental moderna se define como sendo o masculino, enquanto a Literatura estaria colocada ao lado do que se define como sendo o feminino. A História seria discurso que fala em nome da razão, da consciência, do poder, do domínio e da conquista. A Literatura estaria mais identificada com as paixões, com a sensibilidade, com a dimensão poética e subjetiva da existência, com a prevalência do intuitivo, do epifânico. Só com a Literatura ainda se pode chorar. A História masculinamente escavaria os mistérios do mundo exterior, iria para a rua ver o que se passa; a Literatura ficaria em casa, perscrutando a vida íntima, mundo interior, femininamente preocupando-se com a alma. (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2007, p. 49)

Pensando nesta distinção, acreditamos que até mesmo a caracterização dos personagens se mostra em harmonia com esta citação de Albuquerque Junior, no sentido em que os homens apresentados no romance têm em comum com a História o uso da razão, a sede do poder e conquista. Enquanto as mulheres, a exemplo da Literatura, são os personagens dotados de sensibilidade e dominados por suas paixões.

A partir dessa discussão acerca da relação entre história e literatura, que constitui o suporte teórico do presente artigo, ressaltamos que o mesmo tem como objetivo analisar a obra *A casa das sete mulheres* pelo viés histórico-literário que se faz presente na mesma, uma vez que ela apresenta um acontecimento histórico contado ficcionalmente, onde lhe é dado características próprias do discurso literário. Dessa forma, mostraremos através da fala dos personagens e de informações contidas dentro do livro, como se deu a Guerra dos Farrapos e as consequências que ela trouxe para os envolvidos.

III- A AUTORA E OBRAS

Leticia Wierzchowski (1972) nasceu na cidade de Porto Alegre (RS). Após largar a faculdade de arquitetura, passou a trabalhar com seu pai ao mesmo tempo em que começou a escrever ficção durante a noite. No início, como todo escritor, teve grande dificuldade em conseguir uma editora para publicar seu primeiro romance *O anjo e o resto de nós* (1998). Depois de várias tentativas e da publicação de *A casa das sete mulheres* (2002), ganhou notoriedade ao ponto de ter sua obra adaptada para a televisão na minissérie que recebeu o mesmo nome na TV GLOBO em 2003, sob a direção de Jayme Monjardim. A autora escreveu também: *Prata do Tempo* (1999), *eu@teamo.com.br* (1999), *O Pintor que Escrevia* (2003), *Cristal Polonês* (2003), *Um Farol no Pampa* (2004), entre outros.

O romance de Leticia Wierzchowski (2008) apresenta um caráter histórico ao tratar do acontecimento conhecido como Guerra dos Farrapos (1835-1845) no Rio Grande do Sul e Laguna, Santa Catarina. Dele, trataremos a seguir.

IV- A CASA DAS SETE MULHERES

É um romance apresentado sob um olhar feminino, e é voltado principalmente para a história das mulheres da família Gonçalves da Silva, durante o período em que estiveram isoladas em consequência da guerra. Ele nasce da inquietação da autora ao ter conhecimento

do romance do escritor gaúcho, Tabajara Ruas (1942), *Os varões assinalados* (1985) que mostra a guerra a partir de um olhar masculino e traz ao conhecimento de seus leitores a existência da casa das sete mulheres. É o que podemos contatar na entrevista realizada pelo jornalista Claudiney Ferreira ao Programa Jogo de Ideias da TVE - RS no dia 17 de novembro de 2009, na qual a autora fala do nascimento dessa ideia. Ao contrário da obra de Tabajaras Ruas, Wierzchowski se propõe a mostrar a guerra através de uma outra perspectiva, se aprofundando na convivência dessas mulheres. Para isso ela traz os *Cadernos de Manuela*, uma espécie de diário para dar subsídios a sua narrativa. Sob essa visão feminina, ela fala das mulheres que esperaram durante os anos que durou a guerra, o retorno de seus entes queridos. Dentro da obra, é fácil perceber que a guerra não é tão enfatizada, o que fica evidente é a força que as mulheres gaúchas possuíam. Eram mulheres que sabiam o seu destino e quase todas já haviam perdido alguém em uma batalha. Aprendiam desde cedo a serem fortes e resistentes a dores, sabiam tomar a rédea da situação quando era necessário, e também sabiam amar. Amavam imensamente seus maridos e filhos, e cuidavam dos mesmos com uma dedicação que mais pareciam crianças do que homenzarrões que viviam lutando por ideais republicanos contra o regime imperial vigente, no período em que ocorreu a guerra.

Wierzchowski trata, em sua narrativa, de amores que nunca se concretizaram, de sonhos que se perderam no tempo, de atitudes que mudaram para sempre a vida de alguns personagens. Narra os homens em suas lutas diárias, os momentos de desespero, a batalha travada durante dez anos (1835-1845) entre os Farroupilhas e Imperiais. A narrativa representa sentimentos de solidão, saudade, angústia e muito medo, principalmente na estância em que estavam residindo as sete mulheres da família Gonçalves da Silva. As perdas foram muitas e são mencionadas na obra de tal forma que transmite ao leitor o mesmo sentimento de perda pelo qual as mulheres passaram. Ao mesmo tempo, a autora relata momentos de alegria em meio a tanta tristeza, dando ênfase a encontros amorosos, casamento, nascimento de crianças, a alegria a cada volta dos combatentes, mesmo com a certeza de que retornariam para a guerra nos próximos dias. Wierzchowski utiliza das informações contidas nos cadernos de Manuela para aproximar mais o leitor dos personagens como também dos fatos ocorridos.

Além dos cadernos de Manuela, a autora também faz uso das falas dos personagens nas cartas que são por eles enviadas, uma vez que estão afastados dos seus familiares informando-os e ao leitor o que está acontecendo no campo de batalha, assim como as respectivas respostas que lhes são enviadas. Tudo isto são formas que certamente a autora

encontrou para preencher o vazio da existência ali retratada e de fazer o leitor acompanhar os dez anos que envolvem o tempo da narrativa.

3.1 Cenário

O desenrolar dos acontecimentos narrados se passa no Rio Grande do Sul e em Laguna, Santa Catarina, entre os anos de 1835 e 1845, no período regencial. Foi nesse período que os Farroupilhas (grupo político de inclinação republicana que defendia os interesses das camadas médias urbanas e proprietários rurais) passaram a reivindicar uma melhoria nas taxas alfandegárias do charque (carne-seca), sebo e couro. Estes produtos eram trazidos do Uruguai e da Argentina e chegavam ao Brasil por um preço bem abaixo dos que eram produzidos pelos fazendeiros da região, uma vez que, entravam no Brasil de maneira ilegal e lá, a mão de obra era muito barata. Na ordem política eles reivindicavam a adoção do federalismo, que era o direito de decidir quem seria o presidente da província.

Os pampas gaúchos, onde se passa a maioria das batalhas também são destacados em várias obras escritas por autores que retrataram o mesmo tema. Dentre eles, estão José de Alencar com *O Gaúcho* (1870) e Tabajara Ruas com o livro *Os varões assinalados* (1985). Essas planícies são cobertas de vegetação rasteira, tendo como vento predominante o minuano, que vem dos Andes argentinos e é extremamente frio e seco, ocorrendo apenas no inverno. Segundo a autora “O minuano varria o pampa com a sua fúria, sacudindo as árvores, arrancando a terra do chão” (2008, p. 180). Foram nestas paisagens belas que muitas coisas tristes aconteceram, muitos homens foram mortos, por armas ou até mesmo pelo frio. Para as mulheres “Na vastidão daqueles pampas, o tempo é algo relativo e impalpável: uma noite de minuano, por exemplo, pode durar uma eternidade.” (p. 201).

3.2 Caracterização dos personagens

Os personagens apresentados por Wierzchowski são numerosos, embora apenas alguns sejam descritos com maiores detalhes. A ênfase é dada aos personagens principais, que aparecem mais durante a narração, entre eles Bento Gonçalves, Manuela, Giuseppe Garibaldi, Joaquim, Anita e Davi Canabarro que são, entre outros, personagens históricos ainda hoje lembrados. A descrição é feita físico e psicologicamente, e o caráter de cada um é mencionado pela autora. Há também os personagens que são citados poucas vezes, como as filhas menores do general Bento Gonçalves, os cunhados do mesmo e outros.

D. Ana é uma mulher forte e corajosa que sofreu grandes perdas durante a guerra. A primeira foi a morte do marido, **Paulo da Silva Santos**, homem alto, de voz forte. Tinha cerca de cinquenta anos e morreu um ano após a revolução começar, vítima de uma lança que dilacerou sua coxa direita e gangrenou. Juntos tiveram dois filhos, **Josée Pedro**, ambos também estavam na guerra.

Pedro foi morto em 1841, trespassado por uma lança. Dias antes D. Ana viu no fogo de uma vela, a cena da lança atingindo seu filho. Tinha então vinte e seis anos, e era um rapaz bonito que gostava de brincar com as primas. Quando pequeno, fugia para o laranjal da estância do Brejo. Só restou José, calmo e afetuoso. Assim que pode, veio estar com a mãe para dar-lhe carinho.

Um dos irmãos de D. Ana o general **Bento Gonçalves** era casado com **Caetana**, mulher de uma beleza sem igual, um homem de grande porte, corajoso, destemido e justo. Manuela descreve Bento Gonçalves:

Meu tio Bento também é um homem marcante, de força. Quando pisa no chão, é como se a madeira tremesse um tanto a mais, mas não por seu peso, nem que pise forte, é que tem nos olhos, nas carnes, no corpo todo um poder e uma calma dos quais não se pode escapar. (p. 37-38).

Tinha-as enviado para longe com a intenção de que quando a guerra começasse, elas não corressem nenhum perigo. Bento estava no comando das tropas farroupilhas. Os dois tinham oito filhos, sendo cinco homens e três mulheres.

Perpétua era a filha mais velha de Bento Gonçalves e Caetana. Tinha a pele da mãe e os olhos do pai, muito bonita e alegre. Enquanto a guerra acontecia, ela conheceu **Inácio José de Oliveira Guimarães**, que era casado na época com **Teresa**, mulher frágil que sofria dos pulmões. Após a morte de Teresa, Perpétua e Inácio casaram-se. Ele também estava na guerra, e era chefe de polícia da evolução rio-grandense. Enquanto estava na guerra, Perpétua ficava na estância juntamente com as outras mulheres. Dessa união, nasceram duas meninas, Teresa e Perpétua. Perpétua é uma das poucas personagens que consegue realizar o seu sonho, casar com o homem que ama e constituir uma família.

Maria Angélica, Ana Joaquina, Leão e Marco Antônio, ainda eram crianças e bastante levadas. Os outros três filhos de Bento e Caetana viviam no Rio de Janeiro.

Bento Filho tinha dezessete anos e havia terminado a faculdade de Direito, sua voz era forte e possuía um jeito gentil. Era um bom guerreiro e salvou a vida do irmão Caetano quando esse estava quase sendo atingido por uma lança inimiga.

Caetano tinha apenas quinze anos, não gostava de muitas conversas, lutava na guerra ao lado do pai. No último ano da guerra conheceu Clara Soares da Silva, filha de Tião da Silva, compadre de Bento Gonçalves. Os dois casaram-se e no ano seguinte nasceu o primeiro filho que recebeu o nome do avô general.

Joaquim era o filho mais velho de Bento Gonçalves e Caetana, tinha lindos olhos negros e possuía um sorriso alegre e cativante, era médico muito renomado. Amava a prima **Manuela**, e os dois eram prometidos desde pequenos. Joaquim sofreu muito ao ser recusado por Manuela. Casou-se em 1857 quando perdeu a esperança que ainda nutria de casar-se com a prima.

Maria Manuela tinha três filhas, **Rosário, Mariana e Manuela**. **Manuela** era uma moça bonita, calada e cheia de mistérios. Amou **Giuseppe Garibaldi** antes de conhecê-lo, quando teve uma visão com ele antes mesmo da guerra começar e morreu amando-o. Anos depois do término da guerra, ao saber da morte de Garibaldi, escreveu em seu diário: “Agora que abandonou seu corpo, somente agora sei onde se encontra, que mares navega. Logo, irei ter com ele. Agora apenas espero...” (WIRZCHOWSKI, 2088, p. 511). Foi contra toda a família que já lhe tinha imposto o casamento com o primo. “Não se casaria com o primo para agradar a família, não poria a vida fora por uma promessa, por um sonho que nunca tinha sonhado.” (p. 339). Não lutou na guerra, mais foi uma guerreira no seu amor.

Giuseppe Garibaldi era um marinheiro italiano de voz mansa e de olhos cor de mel. Segundo a autora “Giuseppe Garibaldi sorria um riso de dentes muito alvos e alinhados, tinha umas madeixas da cor do trigo maduro”. (p. 239). Apaixonou-se por Manuela, mas foram proibidos de se casar. Então Garibaldi conheceu **Anita**, mulher forte, que o seguiu pelo mundo. Tiveram um filho de nome Menotti.

Mariana tinha uns olhos castanhos, era morena e muito alegre. Durante a guerra, conheceu **João Gutierrez**, trabalhador da estância, que era domador de potros, filho de uma índia charrua com um uruguaio. Não estava à altura de Mariana, pois entre eles havia um desnível social. Ainda assim, engravidou dele e muito sofreu com a falta de compreensão da

mãe. Foi levada para a estância do Brejo, onde nasceu seu filho Matias e esperou João Gutierrez voltar da guerra.

Rosário, era a filha mais velha, tinha um jeito frágil, era de cor clara e tinha cabelos muito lisos. Mantinha um romance secreto com um ser imaginário, **Steban**, soldado uruguaio. A sua alma sensível não suportou a monotonia nem o sofrimento da vida. Sua mente preferiu refugiar-se na irrealidade e viver dos sonhos; paradoxalmente, esta foi sua forma de libertação. Foi internada em um convento aonde veio a cometer suicídio.

Antônio, único irmão das três jovens, era um rapaz bonito que lutou na guerra pelos ideais da República Rio-grandense. Era o filho preferido de Maria Manuela.

Maria Manuela sempre fora de aspecto frágil. “Não tinha nascido com a fibra dos outros filhos” (WIERZCHOWSKI, 2008, p. 458) e quando pequena, recebia maiores atenções da mãe. Ela foi casada com **Anselmo**, um homem sério, que morreu em uma emboscada feita pelos imperiais.

D. Antônia era a irmã mais velha de Bento Gonçalves. Era forte, calada, alta e magra. Tinha sido casada com **Joaquim Ferreira** que havia morrido quando esta tinha apenas vinte e sete anos. Morreu de uma queda de cavalo. Não casou de novo e não teve filhos.

3.3 A sequência dos fatos

Os fatos são narrados em ordem cronológica divididos em dez capítulos, em que cada capítulo representa um ano da revolução. Wierzchowski teve a preocupação de fazer uma narrativa contemplando a sequência dos acontecimentos no decorrer dos capítulos, situando o leitor no contexto da guerra a partir de cada capítulo lido.

A obra inicia-se com a fala de Manuela narrando uma festa em sua casa para comemorarem com alegria o ano que chegava. “O ano de 1835 não prometia trazer em seu rastro luminoso de cometa todos os sortilégios, amores e desgraças que nos trouxe.” (WIERCHOSKI, 2008. p.11). Não havia ainda nenhum indício de uma guerra próxima, apenas algumas reuniões secretas e pequenos comentários sobre a insatisfação dos estancieiros com o regente, D. Pedro II. Contudo, Manuela sentiu e registrou em seu diário o mau presságio que teve naquela noite, enquanto todos conversavam. Ela viu

agarrado ao mastro de um navio, um outro homem, mais velho, de cabelos muito loiros, não negros como os de meu primo, de olhos doces. E via as ondas, a água salgada comprimia minha garganta, afogando-me de susto. E via sangue, um mar de sangue, e o minuano começou então a soprar somente para meus ouvidos. (WIERZCHOWSKI, 2008, p. 13-14)

Na narrativa, é comum as mulheres terem pressentimentos, sobretudo a respeito dos sofrimentos e tragédias que estão prestes a lhes acontecer diretamente ou às pessoas que lhes são queridas.

Os primeiros capítulos narram a chegada da família do general Bento Gonçalves à estância da Barra, onde todas as mulheres ficariam isoladas durante o período da guerra. Neles a autora também fala da saída dos homens em busca dos seus objetivos, a tomada de Porto Alegre e o início das batalhas, a prisão de Bento Gonçalves e como ele foi eleito presidente da República Rio-grandense mesmo estando preso, e de como sua esposa Caetana, juntamente com suas filhas, cunhadas e sobrinhas partilharam da dor pela prisão do general: “As sete mulheres à sua frente não pensavam em repúblicas nem em sonhos, somente no homem que tinha sido levado para longe, algemado, humilhado, e que agora teria destino tão incerto.” (p. 135). Fala ainda de sua fuga e das esperanças que ela trouxe para as mulheres da estância.

No terceiro capítulo, Wierzchowski fala da vitória dos farroupilhas sobre os imperiais no outono de 1838, na qual conseguiram conquistar a cidade Rio Pardo. Neste capítulo, também é mostrada a chegada do italiano Giuseppe Garibaldi à estância da Barra e a impressão que Manuela sentiu ao vê-lo:

Era uma tarde bonita, de primavera. Passava das três quando o cavalo de Giuseppe Garibaldi adentrou o portão da Estância da Barra [...] De terras tão longínquas ele me vinha, e tão galante, garboso nos seus modos, nos seus sorrisos, nos seus jeitos de tratar com uma mulher (WIERZCHOWSKI, 2008, p. 238-243).

O capítulo ainda fala de como se concretizou a missão de Garibaldi através da construção de barcos para que os farroupilhas pudessem enfrentar os imperiais também no mar. Além disso, fala do noivado de Perpétua e Inácio.

A partir do capítulo quatro, a autora descreve os barcos em pleno funcionamento atacando os imperiais, vencendo graças aos seus pequenos portes que permitiam que se

escondessem por trás dos juncais. Narra também os encontros e a promessa de Garibaldi de falar com o general sobre o desejo de casar com sua sobrinha Manuela, “Vou falar com vuestro tio, Manuela. Io sono enamorado. Vou pedir ao general Bento Gonçalves que consinta no nosso casamento.” (p. 255). Mais adiante, a autora narra a travessia dos barcos farroupilhas por terra, levados por Garibaldi e Davi Canabarro, rumo a Laguna, em Santa Catarina, onde foram recebidos com festas. Foi nesta cidade que Giuseppe conheceu Anita e a levou consigo. Neste momento do livro, é mostrada a tristeza de Manuela, ao saber que Garibaldi havia se apaixonado por outra mulher e também o primeiro surto de Rosário, encontrada com o vestido de noiva de Perpétua. Em seguida, é apresentada através de uma carta enviada à estância, como se deu a batalha na qual os farroupilhas perderam o porto de Laguna: “Dos nossos, morreram 69 homens que foi possível contar. Ainda na tarde desse terrível dia, a esquadra de Mariah ancorava no porto de Laguna, enquanto nossas tropas abandonavam a vila e tomavam o rumo de Torres.” (p. 321). Wierzchowski fala de como as batalhas se tornaram mais sangrentas a partir de 1840, quando os farroupilhas perderam mais de quinhentos homens e da tentativa frustrada de pôr fim à guerra através de exigências feitas em carta destinada ao responsável pelas negociações, o deputado Álvarez Machado que não aceitou as exigências, respondendo da seguinte maneira a Bento Gonçalves: “O imperador do Brasil, que nunca aceitará condições de nação alguma, por mais rica e poderosa que seja, muito menos a receberá de uma parte dos seus súditos desviados da estrada da lei.” (WIERZCHOWSKI. 2008. p. 393). Nesse mesmo ano, Rosário foi internada no Convento, pois seus surtos haviam aumentado, o que causou grande tristeza em Maria Manuela, sua mãe.

No sexto capítulo, Wierzchowski descreve a partida de Giuseppe Garibaldi, Anita e seu filho, rumo ao Uruguai. Quando esta notícia chegou à estância, Manuela escreveu em seu diário: “Não que eu esperasse outra coisa de Giuseppe: partira exatamente como chegara, sem avisos nem razões.” (WIERZCHOWSKI. 2008. P. 424). Neste mesmo capítulo, a autora fala da inauguração da Assembleia Constituinte Farroupilha e de como o clima entre eles não era dos melhores, uma vez que havia uma grande desunião entre os mesmos, tendo Onofre Pires, primo e amigo do general Bento Gonçalves como comandante da oposição.

Os últimos capítulos narram a renúncia de Bento Gonçalves à presidência, “Aquilo só sucedia porque as coisas tinham chegado a um nível insuportável para ele” (p. 502), o final da guerra e enfatiza a discórdia que havia entre os farroupilhas, motivo esse que resultou no duelo entre Onofre Pires e Bento Gonçalves em março de 1844, no qual Onofre morreu. Wierzchowski lamenta o ocorrido: “Quando pequenos, ele e Bento Gonçalves brincavam na

beira da sanga. Depois tinham feito àquela revolução.” (2008. p. 518). A autora termina a narrativa falando do pacto de paz entre os farroupilhas e imperiais:

Eram mais de setenta oficiais. Os termos da proposta de paz -12 no total- foram lidos. Procedeu-se a votação. Silenciosamente, os oficiais que eram favoráveis à paz foram erguendo suas mãos para o céu. Mãos calosas, limpas, acabrunhadas. O tratado de paz foi aprovado por unanimidade. (p. 540).

Por fim, descreve a volta das mulheres com seus filhos para suas casas, após dez longos anos de sofrimento e espera. Para isso ela se utiliza do diário de Manuela:

A casa de minha tia ia se esvaziando aos poucos, enchendo-se de sombras e de silêncios. Para sempre marcada por aqueles anos, a grande casa acabrunhava-se na sua nova solidão, envelhecia. Ficavam para trás as longas horas de espera, os bailes com os republicanos, o medo nas noites de inverno. [...] Tudo de bom e tudo de ruim ficava para trás. As vozes, os cheiros, as lembranças, tudo se ia perdendo no limbo do tempo que passava. Havíamos vivido a História, e seu gosto era amargo, no fim. (p. 531).

A guerra deixou consequências notórias na vida dos envolvidos direta ou indiretamente com a mesma. Mesmo tendo terminado e com a volta dos sobreviventes aos seus lares, as sementes lançadas durante a guerra germinaram, deram frutos. Entre eles, as mudanças ocorridas no interior de cada família, as alegrias quase extintas, os momentos não vividos, as fraquezas expostas, o sentido da vida perdido aos poucos. A volta para casa não foi capaz de reparar as perdas acumuladas ao longo dos dez anos.

V- CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise proposta nesta pesquisa, podemos afirmar que o romance *A casa das sete mulheres* possui um caráter histórico, o que permite observar os laços que unem à ficção literária à história. Wierzchowski apresenta no decorrer do livro a riqueza de detalhes e o sentimentalismo típicos de uma narrativa literária sem que deixe de lado a abordagem histórica que fundamenta a construção da obra. Dessa forma, a obra comprova que é possível a interação da literatura com a história, a partir de suas semelhanças e diferenças sem que estas percam, no entanto, suas características próprias.

Através de uma linguagem simples, a autora insere o leitor na realidade do cotidiano das personagens, descrevendo muito bem a dura realidade de expectativas, anseios e

sofrimentos daquelas mulheres que vivem as consequências da guerra, principalmente em seu espírito, uma vez que a ênfase da obra é dada a elas, aos sentimentos que durante a revolução farroupilha surgiram na casa onde todas residiam. A realização amorosa é para essas mulheres o móvel de suas vidas, tudo parece girar em função desse sentimento vivido intensamente, às mais das vezes interiorizado, em sua realização ou em seu sofrimento, como consequência da desilusão pela não realização, separação ou morte. Mas mesmo assim, nestes casos, a linguagem do narrado é leve, beirando o poético.

Não assistimos em nenhum momento da narrativa a uma participação mais firme das mulheres na guerra. Apenas é mencionada a participação de Anita, mas ela, assim como Garibaldi, são elementos exógenos, fora do contexto da casa, espaço principal da narrativa. As mulheres dali viviam à espera do retorno dos homens e enquanto os aguardava faziam pequenas tarefas domésticas, observavam os filhos, administravam a casa, rezavam e choravam ora em conjunto, ora no silêncio de seu coração. São mulheres retratadas com as mesmas cores e pincéis com que eram retratadas as mulheres daquele tempo.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **História: a arte de inventar o passado.** Ensaios de teoria da história. Bauru, SP: Edusc, 2007.

ALENCAR, José de. **O gaúcho.** São Paulo: Ática, 1978.

LAJOLO, Marisa. **O que é literatura.** 15ª ed. São Paulo, SP: Brasiliense, 1994.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Relação entre história e literatura e representação das identidades urbanas no Brasil (Séc. XIX e XX). Anos 90. In: **Revista do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul**, Porto Alegre, v. 3, n. 4, dezembro, 1995, p. 115-127.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e literatura: uma velha-nova história.** Nuevo Mundo Mundos Nuevos, Sessão Debates, 2006. URL: <http://nuevomundo.revues.org/1560>. Acessado em 25 de abril de 2012.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Os novos parceiros da História: nas fronteiras do conhecimento. In: **História & História Cultural.** 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. Tomo III. Trad. Roberto Leal Ferreira. Campinas, SP: Papyrus, 1997.

RUAS, Tabajara. **Os varões assinalados**. Rio de Janeiro: Record, 2010.

SAVIETTO, Maria do Carmo. Do fato histórico ao ato literário: Marcel Schwob e A cruzada das crianças. In: **REVISTA DE LETRAS**, São Paulo, SP, 35: 25-34, 1995.

VOLOBUEF, Karin. Os escombros na literatura e na história alemãs após 1945: uma análise de “O gato ruivo” de Luise Rinser. In: **REVISTA DE LETRAS**, São Paulo, SP, 35: 15-23, 1995.

<http://www.youtube.com/watch?v=J2q97ueFX70>, acesso em: 08 de junho de 2012.